



OS TRABALHADORES

na grande campanha política de massas

A grande campanha política de massas desenvolvida pelo Movimento Democrático em torno da campanha eleitoral para deputados saiu-se numa importante vitória popular, dela saindo o fascismo mais isolado tanto interna como internacionalmente.

Passando por cima dos tabus que o fascismo pretendeu impôr à discussão dos principais problemas que afligem o nosso povo, não se amedrontando com a campanha de intimidação e repressão montada pelo fascismo, em amplas acções de massas foram largamente debatidos os problemas da guerra colonial, a ausência das liberdades fundamentais, o enfeudamento crescente da economia aos interesses dos monopólios portugueses e estrangeiros, as causas do aumento do custo de vida, a repressão com que o Governo pretende sufocar o crescente descontentamento popular. Nunca antes tinha sido tão desmascarada a burla eleitoral fascista.

Na grande campanha política de massas, os trabalhadores tiveram um papel de vanguarda pela grande participação que deram à acção geral do MD, imprimindo-lhe assim

um carácter popular. A apresentação de candidatos próprios, o aproveitamento das sedes para aí reunirem e discutirem os seus problemas específicos, a formação de comissões próprias, foram aspectos que facilitaram essa mobilização.

Os têxteis do Porto tiveram nesta acção uma importante participação. Várias reuniões foram efectuadas, distribuídos comunicados onde, além dos problemas gerais da situação política, foram abordados outros que se referiam à situação do seu Sindicato, ao desemprego constante, à desigualdade de salários, etc.

Toda esta acção foi importante factor para o fortalecimento das estruturas do MD, criando assim melhores condições para a continuação da luta.

Mantendo a iniciativa política, adaptando a acção às novas condições criadas, há que continuar a luta pelas consignas gerais do MD, sabendo integrar-se já nas campanhas em curso contra o aumento do custo de vida, contra a guerra colonial, contra a repressão e pela Amnistia, procurando nelas os trabalhadores ter um papel de vanguarda.

O ISOLAMENTO CRESCENTE DO FASCISMO

A modificação que se tem vindo a operar na correlação de forças à escala mundial, num progressivo movimento a favor das forças do socialismo e da Paz, tem vindo a criar dificuldades sérias ao fascismo.

As criminosas guerras coloniais que os fascistas vêm travando em África, negando aos povos africanos o direito à sua independência, a ligação à política dos círculos mais reacçãoários e agressivos do imperialismo, têm contribuído para agudizar o isolamento externo do fascismo.

A recente declaração de independência da Guiné-Bissau motivada pelos êxitos conseguidos no campo militar pelo PAIGC, libertando vastas zonas do seu território ocupado pelos colonialistas, e aí criando um estado soberano, democrático, anti-colonialista e anti-imperialista, colocaram a partir daqui o problema da guerra na Guiné num curo plano, pois passa-se agora para uma guerra de um estado soberano para libertação de parcelas do seu território ocupado pelos colonialistas portugueses. Este facto veio dar mais um rude golpe na política fascista e colonialista do Governo de Caetano.

Nas votações que se seguiram na ONU para o reconhecimento da independência do novo Estado, verificou-se que 95 países apoiavam a sua independência, enquanto que

(continua na pág. 4)

Ainda os despedimentos

Por mais que uma vez temos denunciado aqui os sucessivos despedimentos a que o patronato recorre, para intensificar os ritmos de produção, para fugir ao pagamento de regalias adquiridas, utilizando-os como travão das lutas reivindicativas ou ainda servindo-se deles como coador, para filtrar dificuldades surgidas na corrida ao lucro máximo.

Mais uma vez, o Consórcio Lameiro de Portugal despede trabalhadores, algumas dezenas desta vez. A justificação é a mesma de sempre: « falta de matérias-primas ». Por detrás dela outra realidade: a fuga ao pagamento das novas tabelas salariais, a montagem dum sistema de exploração que assenta em despedimentos periódicos, para evitar que os trabalhadores adquiram direitos de antiguidade.

Compreende-se assim melhor que, despedindo pessoal por « falta de matéria-prima », interdição para os que ficaram a prática das horas extraordinárias.

A Sitonor não hesitou em despedir duas centenas para melhorar o seu equipamento.

A Alberto Pinheiro Machado, de Guimarães, despede uma operária de 53 anos, com 23 de sucessiva exploração por, no entender deles, não dar a produção exigida.

A incerteza do desemprego permanece. A crise que se avizinhava para a indústria têxtil algodoeira, motivada pela escassez e alto preço do algodão, pode agora alargar-se à indústria de fibras sintéticas, motivada pela recente crise provocada pelas res-

tífticas no fornecimento de petróleo árabe, e na qual o nosso país sofre um embargo total, motivado pelo apoio expresso que o Governo de Caetano sempre tem dado à política de ocupação e anexação dos territórios árabes ocupados por Israel, tendo sido o único na Europa que pôs as bases militares do país à disposição dos imperialistas americanos, que se serviram das Lajes como trampolim para o envio de armas para Israel.

Os despedimentos podem por isso continuar, e até ampliar-se. Perante eles não nos defenderemos se ficarmos tolhidos pelo recelo que nos aconteça a nós o que sucedeu ao colega ontem. Amanhã seremos nós os atingidos!

A situação tem de ser objecto de discussões amplas, no Sindicato ou noutros locais, que preparem uma acção unida de todos os operários, a fim de evitar mais despedimentos.

A PORTARIA 734/73

Mais um passo na escalada da repressão à actividade sindical foi dado com a publicação da Portaria 734/73, que vem promulgar um novo Estatuto dos Empregados dos Organismos Corporativos.

Apresentada como novo mecanismo de regulamentação das relações de trabalho entre os empregados desses Organismos, ela visa no fundamental limitar mais a acção das direcções sindicais, fazendo-as depender, até na contratação de simples empregados, dos pareceres do INTP e duma série de requisitos expressos na Portaria e positivamente deixados vagos, para darem azo às mais arbitrárias interpretações.

Permite ainda ao INTP substituir-se às direcções e vir a destituir empregados admitidos pelos sindicatos, aplicando a estes sanções que podem ir até à destituição das Direcções se o Estatuto não for cumprido!

Alarmado com a crescente actividade sindical que nos últimos anos tem vindo a mobilizar milhares de trabalhadores, num aproveitamento correcto das possibilidades legais de luta nestes organismos, conquistando direcções honestas que possibilitem uma melhor defesa dos seus direitos, o governo fascista pretende agora controlar os sindicatos a partir de dentro, colocando aí bufos ou colaboracionistas que sabotem a luta travada pelas direcções honestas, procurando igualmente evitar que estas melhorem os seus serviços recorrendo a técnicos, para assim conseguirem uma melhor defesa dos trabalhadores face aos arbítrios do patronato.

A mais esta medida repressiva há que responder prontamente, secundando a luta que alguns sindicatos já empreenderam, protestando por todas as formas contra a Portaria, exigindo a sua revogação.

Têxteis de Setúbal

Para protestar contra a « eleição » levada a cabo pela direcção lacai, um grupo de operários têxteis impugnou o resultado da farsa eleitoral realizada.

Depois de levantarem inúmeros obstáculos à apresentação duma lista da confiança da classe, dificuldades que foram até à impugnação da lista B pela Comissão de Verificação, a fim de evitar a sua apresentação a sufrágio, a direcção lacai procurou assim preparar o campo para assegurar a sua continuação à frente do Sindicato.

Ilegalmente, marca a data das eleições e apressa-se a efectuar a farsa. Esta saldard-se-ia numa escassíssima votação onde ficaria patente o seu isolamento.

Assim, de um total de mais de 1000 associados com direito a voto, na lista lacai votaram somente 25. Se se tiver em conta que os 16 elementos da direcção votaram, como é óbvio, a seu favor, temos assim que a direcção lacai obteve somente o apoio de 9 têxteis!!! Eis a sua representatividade.

Como se disse, a fim de protestar contra esta burla, um grupo de têxteis impugnou o resultado desta farsa. A esta acção há que juntar o pro-

testo de toda a classe, expresso em assembleias ou reuniões a realizar conjuntamente com as acções possíveis a empreender a partir de cada empresa, de modo a evitar que este processo-burla se concretize.

MAITEX (Maia)

Tentando negociar com o dinheiro dos trabalhadores, a empresa pretendeu alterar profundamente o seu sistema de pagamento de salários.

Assim, e de modo a ficar mais tempo na sua mão (o mesmo será dizer na sua conta bancária) o dinheiro correspondente aos salários, e poder com isso não só beneficiar das vantagens duma maior reserva de dinheiro para as suas transacções, como ainda dos juros do seu depósito, pretendeu começar a pagar através dum complicado processo onde os trabalhadores só receberiam o grosso dos seus salários nos dias 1 e 16 de cada mês.

Ao tomarem conhecimento desta decisão, os operários elaboraram um abaixo-assinado que foi subscrito por cerca de 70 % dos operários da empresa.

No texto do documento ex-

giam o pagamento quinzenal do salário mas sempre a uma sexta-feira; não haver descontos nos salários por pagamento adiantado; os pagamentos serem efectuados nos locais de trabalho, e não em bancos ou outros locais. Friezavam ainda a não aceitação doutras medidas por serem « atentatórias da dignidade dos trabalhadores e verdadeiro desprezo pelos seus legítimos direitos ».

FONCAR (Maia)

As revistas ao pessoal são prática, mais ou menos corrente, em empresas do sector.

Também nesta empresa desde há muito que os trabalhadores vinham sendo revistados à saída do trabalho.

Com o pretexto de evitar imaginários roubos, o patronato sugeria assim os operários a uma prática ultrajante que dá ainda fartos motivos para os maiores abusos.

Nesta empresa o patronato pretendeu montar um sistema mais requintado de revista, processo que consistia em, diariamente, sortear uma operária que se despiria totalmente para ser revista.

Protestando contra esta arbitrariedade, as operárias reu-

(continua na pág. 4)

TÊXTEIS DO PORTO:

Intensificai a luta por eleições no vosso Sindicato

O ISOLAMENTO CRESCENTE DO FASCISMO

(continuação da pág. 1)
só 7 se lhe opunham.

Apoiaram a política colonialista do Governo de Caetano os países em cujos Governos estão os círculos mais reacçãoários. Poram eles os imperialistas americanos e ingleses; os racistas da África do Sul e os gorilas brasileiros; os ditadores gregos e espanhóis.

A roda da história desandou decisivamente a favor das forças da Paz e do socialismo. O processo de descolonização e libertação dos povos africanos é irreversível.

A realidade que é hoje o estado da Guiné-Bissau, por muito que isso custe aos fascistas, os crescentes êxitos dos restantes movimentos de libertação, MPLA e FRELIMO, o maior apoio que obtêm para a sua luta, a crescente resistência e descontentamento que as guerras coloniais provocam no nosso povo, a ruína que causam à economia do país, confirmam a previsão de que amadurecem as condições que porão na ordem do dia o fim da guerra colonial e uma solução política do problema.

Nessa perspectiva, há que intensificar por todas as formas a luta contra as guerras coloniais e pela abertura de negociações com o novo estado da Guiné-Bissau e pelo reconhecimento à sua imediata independência, assim como com os movimentos de libertação de Angola e Moçambique.

LUTAS LUTAS LUTAS

FONCAR

(continuação da pág. 3)
niram numa dependência da empresa, decidindo si recusarem-se a prática tão vexatória, o que veio a ser conseguido.

MINDE (Tomar)

Cerca de 100 operários dos lanifícios realizaram aqui uma reunião para discutirem problemas prementes da classe.

Dois patrões de empresas da zona e a GNR tentam intimidar os trabalhadores procurando impedir, sem o conseguir, a sua participação na reunião.

Por outro lado, a fim de facilitar reuniões posteriores e o melhor acompanhamento da vida do seu Sindicato, foi criada uma delegação deste em Minde.

FÁBRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS (Torres Novas)

Já com brutais ritmos de produção, ao ponto de não ser permitido dispôr totalmente da meia hora para comer a que têm direito (durante as refeições as máquinas não param, comendo os operários no local de trabalho, vigiando uns as máquinas dos outros), os operários desta empresa viram ultimamente esses ritmos de produção aumentar. Isto porque o patrão

mandou retirar um operário de cada máquina, passando dois a fazer o que antes faziam três.

Aproveitando o descontentamento há muito existente nesta empresa, agudizado ainda com esta medida, há que passar à acção.

Torna-se importante reunir, acordar em conjunto o que fazer, discutir, em suma, as formas de luta que urge pôr em prática, a fim de se oporem à intensificação da exploração patronal.

FAFE

Apesar das novas tabelas salariais terem entrado em vigor a partir de Janeiro último, há portanto quase um ano, empresas de malhas desta zona têm-se ainda recusado a pagar o aumento de 6%.

Mais uma vez o patronato, feguardado na protecção do estado fascista de Caetano, desrespeita o cumprimento das suas próprias leis.

Atém de diligências já efectuadas junto do Sindicato, procurando que este intervenha em defesa deste direito adquirido, os operários devem exigir o seu imediato pagamento na própria empresa.

Para isso impõe-se reunir, e em colectivo decidir as formas de luta que, de acordo com a situação, possam ser empregues. Concentrações junto da administração, pequenas paralizações, «cera», são formas de luta a que podem recorrer, a par das diligências a fazer junto do Sindicato, a fim de exigir o que vos pertence.